

INTEGRAÇÃO ACADÊMICA E SOCIAL NA PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

ACADEMIC AND SOCIAL INTEGRATION IN THE PERSISTENCE OF
INFORMATION SYSTEMS STUDENTS

INTEGRACIÓN ACADÉMICA Y SOCIAL EN LA PERMANENCIA DE
ESTUDIANTES DE SISTEMAS DE INFORMACIÓN

Arthur Furtado Bogéa¹, Marcos Vinicius Oliveira Sobrinho², Lucinete Marques Lima³

DOI: 10.54899/dcs.v22i85.3888

Recibido: 26/11/2025 | Aceptado: 27/11/2025 | Publicación en línea: 11/12/2025.

RESUMO

Este artigo analisa como a integração acadêmica e social influencia a permanência de estudantes do curso de Sistemas de Informação em uma instituição privada de São Luís-MA, marcada por altos índices de evasão em cursos de tecnologia. O estudo identifica fatores institucionais, subjetivos e contextuais que sustentam ou fragilizam a trajetória acadêmica, articulando-os ao Modelo da Motivação da Persistência de Vincent Tinto. A pesquisa adota um estudo de caso exploratório, de abordagem qualitativa com apoio quantitativo, utilizando questionários estruturados aplicados a alunos do sétimo e oitavo períodos. A análise combinou estatística descritiva e categorização temática para examinar dimensões como autoeficácia, pertencimento e relevância curricular. Os resultados mostram que o interesse pela área, as oportunidades de carreira e a busca por estabilidade financeira são as principais motivações de permanência, enquanto dificuldades acadêmicas, conciliação entre estudo e trabalho, fragilidades pedagógicas e limitações financeiras configuram riscos de evasão. Embora reconheçam apoio docente e relações positivas entre colegas, os estudantes apontam carências em práticas profissionais, infraestrutura e acolhimento. Conclui-se que a permanência depende de políticas integradas que reforcem suporte acadêmico, emocional e financeiro e alinhem formação e expectativas.

Palavras-chave: Permanência Estudantil. Integração Acadêmica. Curso de Sistemas de Informação. Evasão. Ensino Superior.

ABSTRACT

This article examines how academic and social integration influences the persistence of Information Systems students at a private institution in São Luís, Brazil, a context marked by high dropout rates in technology programs. The study identifies institutional, subjective, and

¹ Doutor em Educação, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Maranhão, Brasil.
E-mail: arthurbogea@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2180-3390>

² Especialista em Engenharia de Software, Tecnologias Web e Educação Híbrida, Centro Universitário Senac, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: mv.olsob@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-9846-5996>

³ Doutora em Educação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: lucinete.ml@ufma.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2328-3467>

contextual factors that support or weaken students' trajectories, drawing on Vincent Tinto's Student Persistence Motivation Model. An exploratory case study with a qualitative approach, supported by quantitative data, was conducted using structured questionnaires applied to seventh- and eighth-semester students. The analysis combined descriptive statistics and thematic categorization to explore dimensions such as self-efficacy, belonging, and curricular relevance. Results indicate that interest in the field, career opportunities, and the pursuit of financial stability are the main motivations for persistence, while academic difficulties, work-study balance, pedagogical weaknesses, and financial limitations constitute key risks for dropout. Although students acknowledge faculty support and positive peer relations, they report gaps in professional practice opportunities, infrastructure, and institutional support. The study concludes that persistence depends on integrated policies that strengthen academic, emotional, and financial support and align educational experiences with student expectations.

Keywords: Student Persistence. Academic Integration. Information Systems Program. Dropout. Higher Education.

RESUMEN

Este artículo analiza cómo la integración académica y social influye en la permanencia de estudiantes del curso de Sistemas de Información en una institución privada de São Luís, Brasil, un contexto marcado por altos índices de deserción en programas de tecnología. El estudio identifica factores institucionales, subjetivos y contextuales que fortalecen o debilitan la trayectoria estudiantil, articulándolos con el Modelo de la Motivación de la Persistencia de Vincent Tinto. Se desarrolló un estudio de caso exploratorio, con enfoque cualitativo y apoyo cuantitativo, utilizando cuestionarios estructurados aplicados a estudiantes del séptimo y octavo semestres. El análisis combinó estadística descriptiva y categorización temática para examinar dimensiones como autoeficacia, sentido de pertenencia y relevancia curricular. Los resultados muestran que el interés por el área, las oportunidades profesionales y la búsqueda de estabilidad financiera son las principales motivaciones de permanencia, mientras que las dificultades académicas, la conciliación entre trabajo y estudio, las fragilidades pedagógicas y las limitaciones económicas constituyen riesgos de deserción. Aunque los estudiantes reconocen el apoyo docente y las relaciones positivas entre compañeros, señalan carencias en prácticas profesionales, infraestructura y acciones de acogida institucional. Se concluye que la permanencia depende de políticas integradas que refuercen el apoyo académico, emocional y financiero y alineen la formación con las expectativas estudiantiles.

Palabras clave: Permanencia Estudiantil. Integración Académica. Sistemas de Información. Deserción. Educación Superior.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

O ingresso e a permanência no ensino superior representam desafios centrais para o desenvolvimento educacional e social brasileiro, uma vez que a conclusão dos cursos é determinante para a formação de profissionais qualificados e para a redução das desigualdades no acesso à educação. Compreender os fatores que influenciam a trajetória estudantil torna-se, portanto, fundamental, especialmente porque os processos de integração acadêmica e social exercem impacto significativo sobre a decisão de continuar ou abandonar a formação. Refletir sobre essas dinâmicas é ainda mais relevante em um cenário marcado por transformações tecnológicas, econômicas e institucionais que atravessam a experiência universitária e moldam as condições de permanência dos discentes.

Nesse sentido, o ensino superior brasileiro enfrenta um problema severo de evasão, atingindo uma taxa geral de 57,2% em todas as modalidades e redes (SEMESP, 2024). Essa situação é mais acentuada na rede privada, onde a evasão chega a quase 61%, e na modalidade de Educação a Distância (EAD), que registra os piores índices, com 64% de abandono na rede privada, superando os 52,6% dos cursos presenciais. A retenção estudantil é um fenômeno complexo e multifatorial, influenciado por dimensões acadêmicas, sociais, econômicas e institucionais (Sousa; Maciel, 2016), sendo a integração dos estudantes com a universidade e o curso um elemento crucial para a permanência.

Especificamente na área de Tecnologia da Informação (TI), a evasão é historicamente superior à média nacional, chegando a 30% na rede privada em 2024, contra 27,7% da média (SEMESP, 2024). Cursos como Sistemas de Informação registraram taxas ainda maiores, de 38,5% de abandono, diante de uma média nacional de 30,7% para o grupo (SEMESP, 2024). Paradoxalmente, a própria alta empregabilidade do setor pode ser um fator de abandono: muitos alunos se inserem no mercado de trabalho e deixam a graduação, priorizando a experiência prática em detrimento do diploma (Saraiva, Cavalcante e Dantas, 2020), o que ocorre mesmo entre estudantes com bom desempenho acadêmico (Noetzold e Pertile, 2021).

Para compreender essa realidade, a Teoria da Integração de Tinto (2007) contribui para compreender como o envolvimento do estudante na comunidade acadêmica influencia sua decisão de permanecer ou abandonar o curso, porém o contexto do ensino superior privado brasileiro apresenta especificidades que relativizam seus pressupostos, especialmente a necessidade de conciliar estudo e trabalho. Segundo a SEMESP (2024), cerca de 88% dos

estudantes dessas instituições trabalham enquanto estudam, em sua maioria com renda familiar entre 1 e 1,5 salários mínimos, o que evidencia que fatores econômicos tendem a se sobrepor aos aspectos de integração social na determinação da permanência estudantil.

Diante desse cenário, este estudo tem como objetivo investigar de que forma os processos de integração acadêmica e social influenciam a trajetória dos estudantes do curso de Sistemas de Informação em uma instituição privada de São Luís-MA. O trabalho busca identificar os principais fatores que favorecem a permanência dos alunos, analisando suas interações com colegas, professores e o ambiente institucional.

Os achados deste estudo podem subsidiar estratégias institucionais voltadas ao fortalecimento do vínculo dos estudantes com o curso e à redução da evasão, ao oferecer uma compreensão mais precisa dos desafios vivenciados pelos alunos e dos fatores que favorecem sua permanência. Ao gerar recomendações práticas para a instituição, a pesquisa contribui para o aprimoramento das políticas de retenção e para a construção de ambientes acadêmicos mais inclusivos e alinhados às necessidades dos estudantes de tecnologia, estimulando maior engajamento e sucesso acadêmico. Nesse sentido, como aponta Lobo (2020), estratégias institucionais fundamentadas em uma análise aprofundada dos fatores de permanência podem representar um diferencial competitivo para as instituições privadas diante de um cenário educacional cada vez mais desafiador..

CONTRIBUIÇÕES DE VINCENT TINTO PARA O ESTUDO DA PERMANÊNCIA ESTUDANTIL

A permanência estudantil no ensino superior tem sido amplamente discutida a partir das contribuições de Vincent Tinto, cujos modelos articulam dimensões acadêmicas, sociais e motivacionais para compreender a trajetória dos estudantes. Seu modelo clássico (Tinto, 1975), influenciado pela noção de anomia de Durkheim (1897) e pelos ritos de passagem de Van Gennep (1909), interpreta o abandono como uma forma de “suicídio acadêmico” decorrente da falta de integração do aluno ao ambiente universitário. Nesse enquadramento, a permanência depende do sucesso em três etapas: desvinculação do contexto pré-universitário, adaptação às exigências acadêmicas e integração plena à vida universitária, processo essencial para orientar políticas institucionais de apoio e fortalecer a experiência estudantil.

Assim, no modelo de Tinto (1975), a permanência estudantil se organiza em três pilares principais: integração acadêmica, integração social e comprometimento com metas e com a instituição. A integração acadêmica envolve o desempenho do estudante e sua adaptação ao currículo, às metodologias e ao ritmo do curso. As relações com docentes, construídas por meio de interações, feedbacks e mentorias, reforçam o engajamento intelectual e o sentimento de pertencimento.

Já a integração social refere-se aos vínculos interpessoais e às experiências coletivas, fortalecidas por atividades extracurriculares e grupos de estudo. Esse aspecto tende a ser mais frágil em cursos EaD, onde a ausência de convivência presencial contribui para taxas de evasão de 36,6% na rede privada e 75% no ensino técnico, segundo o Censo EaD/ABED (2022). Mesmo assim, pesquisas indicam que fóruns mediados e atividades colaborativas podem reduzir o abandono em até 30% quando articulados a um planejamento pedagógico eficaz (Oliveira; Bittencourt, 2017).

O terceiro pilar, incorporado na revisão de 1993, destaca o papel das metas pessoais e do comprometimento institucional. Para Tinto, a permanência depende não só das expectativas que os estudantes trazem ao ingressar no curso, mas também das experiências que vivenciam ao longo da formação, capazes de reforçar ou alterar seus objetivos. Quando há desalinhamento entre expectativas, valores institucionais, infraestrutura ou formas de apoio oferecidas, o risco de evasão aumenta. Em contrapartida, projetos profissionais claros tendem a favorecer a persistência, sobretudo quando encontram consonância com as condições acadêmicas e institucionais do curso.

Em 2017, Vincent Tinto reformulou seu modelo clássico de integração estudantil ao propor o Modelo da Motivação da Persistência, no qual desloca o foco das ações institucionais para as experiências subjetivas do estudante. Nessa nova abordagem, a permanência passa a ser explicada por três pilares interdependentes, autoeficácia, senso de pertencimento e percepção de relevância curricular, que se articulam às condições institucionais já presentes nos modelos anteriores, como suporte acadêmico, práticas pedagógicas e ambiente institucional, capazes de fortalecer ou fragilizar a motivação ao longo da trajetória universitária.

A autoeficácia, primeiro pilar do modelo de Tinto (2017), refere-se à crença do estudante em sua capacidade de atender às demandas acadêmicas, conceito fundamentado na teoria de Bandura (1997) e reconhecido por Robbins *et al.* (2004) como um dos principais preditores de persistência. Essa confiança se desenvolve a partir de quatro fontes identificadas por Usher e

Pajares (2008): experiências de domínio, experiências vicárias, persuasão social e estados emocionais. Evidências empíricas mostram que intervenções institucionais podem ampliá-la de forma significativa, como no estudo de Bettinger *et al.* (2013), no qual mentorias elevaram em 15% as taxas de persistência, e nas ações de nivelamento analisadas por Keup (2018), capazes de aumentar a autoeficácia em até 30% quando bem estruturadas no início da graduação.

O senso de pertencimento, considerado um pilar do modelo de Tinto (2017), é decisivo para a permanência, pois sentir-se aceito e valorizado no ambiente universitário influencia diretamente a continuidade e amplia o desempenho e a resiliência dos estudantes (Hurtado e Carter, 1997; Strayhorn, 2018; Walton e Cohen, 2011). Alunos com forte pertencimento têm 1,5 vezes mais chances de concluir a graduação (Strayhorn, 2018), sendo que achados nacionais demonstram que a participação em grupos de estudo e eventos está associada a uma alta identificação com o curso (Moraes, 2020). A literatura aponta que estratégias como a participação em grupos de pesquisa e extensão (aumentam o sentimento em 32%, Strayhorn, 2018), o envolvimento em atividades extracurriculares (aumentam a persistência em 25%, Tinto, 2017), a implementação de programas de tutoria (reduziram a evasão em 18%, Silva e Polydoro, 2020) e a oferta de serviços de apoio psicológico (diminuem a intenção de abandono em até 22%, Soares et al., 2019) são eficazes e devem ser priorizadas nos primeiros semestres (Braxton et al., 2014).

O terceiro pilar, a percepção de relevância curricular, deriva do comprometimento com metas pessoais discutido na revisão de 1993 e destaca a importância da conexão entre o currículo e os objetivos profissionais do estudante, já que a ausência de significado prático, sobretudo nas disciplinas iniciais, reduz a motivação para persistir (Tinto, 2017). Estudos mostram que cerca de 30% das evasões ocorrem no primeiro semestre, em grande parte devido ao desalinhamento entre expectativas e realidade curricular (Moraes, 2020), o que torna essencial explicitar a aplicabilidade do curso desde o início, especialmente em áreas com alta evasão, por meio de estratégias como semanas de imersão ou disciplinas introdutórias práticas (Espinoza *et al.*, 2023).

Nesse sentido, os três pilares do modelo de persistência estudantil de Tinto (2017) operam de forma integrada, com o estudante exercendo um papel ativo no complexo processo motivacional. No entanto, sua aplicação no Brasil apresenta limites significativos, pois a teoria está ancorada em realidades norte-americanas que não correspondem às condições socioeconômicas brasileiras, especialmente no setor privado. A permanência estudantil no país é fortemente marcada pelo impacto de programas como ProUni e FIES, que, apesar de terem atendido milhões, sofreram reduções drásticas (o FIES caiu 97% entre 2014 e 2024, SEMESP,

2025). A inadimplência no setor também atingiu 9,33% em 2024 (ABMES, 2024), demonstrando as graves pressões financeiras que dificultam a continuidade dos estudos.

A limitação do modelo de Tinto reside em desconsiderar fatores externos decisivos no Brasil. Dados do INEP (2024) mostram que 72% dos estudantes privados têm renda familiar inferior a três salários mínimos e 68% trabalham durante o curso, o que torna a conciliação trabalho-estudo um desafio estrutural. Embora as instituições implementem medidas de retenção e flexibilização, os resultados são modestos, com a permanência na EaD sendo de apenas 9,1% e no curso de Sistemas de Informação de 6,6% (SEMESP, 2025). Críticos como Silva (2021) argumentam que o modelo de Tinto, mesmo revisado, não abrange a diversidade de trajetórias e as profundas desigualdades que definem o ensino superior brasileiro, o que impede sua adoção plena.

No contexto dos cursos de Tecnologia da Informação (TIC), esse cenário é agravado pela forte e crescente demanda do mercado, que deve gerar um déficit de 530 mil profissionais até 2025 (Google for Startups, Abstartups e Brasscom, 2023). O setor experimentou um avanço notável entre 2015 e 2023, impulsionado pela oferta em EaD, responsável por 90% dos cursos, e pela predominância de instituições privadas (80% das matrículas), com forte concentração regional. Apesar desse crescimento e da alta demanda profissional, os cursos de TI representam apenas 5,2% do total de matrículas no país. Dessa forma, para orientar políticas de permanência eficazes, o modelo de Tinto precisa ser adaptado às condições socioeconômicas e às dinâmicas do ensino superior brasileiro.

O Mapa do Ensino Superior (SEMESP, 2023) aponta que mais de 60% dos estudantes dos cursos de TIC abandonam os cursos antes da conclusão, um fenômeno parcialmente ligado à forte demanda do mercado de trabalho que absorve os alunos precocemente. Além da demanda do mercado de trabalho, a desigualdade de gênero é um desafio estrutural persistente: apenas 16,5% das matrículas em TI são de mulheres, um contraste acentuado com a média nacional de 60,7% (Barbosa et al., 2017). Embora a evasão feminina (50,4%) seja ligeiramente superior à masculina (48,9%), as mulheres que permanecem concluem mais o curso (12,2%) do que os homens (10,5%), demonstrando resiliência.

Apesar de um estudo recente (Alvim, Bittencourt e Duran, 2024) indicar que gênero, raça/etnia e deficiência podem não ter um impacto estatisticamente significativo na evasão no contexto brasileiro, políticas afirmativas têm um papel crucial: estudantes beneficiados por cotas e apoios sociais apresentam taxas de evasão menores (Alvim; Bittencourt; Duran, 2024). Isso

reforça a tese de que fatores socioeconômicos e institucionais são determinantes, exigindo estratégias que integrem dimensões de inclusão e apoio. A sub-representação feminina é histórica, com apenas 13,6% de ingressantes mulheres em computação entre 2010 e 2017.

A permanência é também comprometida por obstáculos estruturais e falhas sistêmicas. A insatisfação com a escolha do curso explica a maior parte das evasões (48,34%), sugerindo lacunas na orientação vocacional (Silveira; Tonini, 2023). Dificuldades em conciliar trabalho e estudo são relatadas por 32,45% dos alunos, somadas a currículos inflexíveis. Problemas pessoais (9,93%) e institucionais (9,27%) também contribuem para o cenário. Segundo Silveira e Tonini (2023), o descompasso entre a formação acadêmica e as demandas do mercado exige urgentes políticas de apoio, acolhimento e maior articulação com o setor produtivo.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou abordagem qualitativa, com apoio de dados quantitativos, configurando-se como um estudo de caso de natureza exploratória. O objetivo foi analisar os fatores de integração acadêmica e social que contribuem para a permanência de estudantes do curso de Sistemas de Informação em uma Instituição de Ensino Superior privada de São Luís-MA, a partir da perspectiva discente. O estudo foi desenvolvido em uma instituição que oferta 14 cursos de graduação nas áreas de saúde, tecnologia e ciências sociais, além de programas de pós-graduação, e que possui conceito 4 no Índice Geral de Cursos (IGC/MEC).

Os participantes foram estudantes do 7º e 8º períodos dos turnos matutino e noturno. A coleta de dados ocorreu por meio de questionário estruturado, composto por 20 questões fechadas e 2 abertas, elaborado para identificar fatores acadêmicos e sociais associados à permanência, como participação em atividades curriculares e extracurriculares, relações com docentes e colegas, percepção institucional e acesso a programas de apoio. O instrumento passou por validação preliminar, com realização de teste piloto e ajustes, resultando em 52 respostas de alunos regularmente matriculados.

A análise dos dados seguiu uma perspectiva integrada. As informações quantitativas foram tratadas por estatística descritiva, enquanto as respostas abertas foram examinadas com base no Modelo da Motivação da Persistência (Tinto, 2017), contemplando autoeficácia, senso de pertencimento e relevância curricular, além da categoria “fatores externos”, que incluiu condições socioeconômicas e inserção no mercado de trabalho. A análise qualitativa envolveu

pré-análise, codificação e categorização, combinando categorias teóricas e emergentes. A triangulação entre dados qualitativos e quantitativos reforçou a consistência dos achados.

A pesquisa seguiu integralmente as Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e as diretrizes da Lei nº 13.709/2018 (LGPD), garantindo anonimato, sigilo e tratamento responsável das informações. Adotou-se, ainda, uma postura ética crítica, atenta às intencionalidades da pesquisa e às implicações das relações de poder no campo acadêmico.

PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DO CURSO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

A permanência no ensino superior resulta da articulação entre fatores subjetivos, institucionais e sociais, conforme percebidos pelos próprios estudantes em suas trajetórias acadêmicas. Ao considerar as trajetórias de permanência como construções situadas, marcadas por contextos específicos, torna-se fundamental observar como os próprios discentes significam sua vivência universitária, seus desafios cotidianos e os apoios que reconhecem como essenciais para seguir no curso. É a partir dessa perspectiva que os dados a seguir serão analisados.

Nesse sentido, dos 82 estudantes regularmente matriculados nas turmas investigadas, obteve-se 52 respostas ao questionário, o que representa 64,4% do total dos alunos. Por mais que não se tenha conseguido 100% de respostas, esse percentual atende aos parâmetros metodológicos estabelecidos para estudos desta natureza e garante representatividade estatística aos resultados obtidos. Assim, a amostra significativa permite inferências confiáveis sobre a população estudada, assegurando a validade interna da pesquisa.

O perfil dos estudantes analisados revela uma forte predominância masculina (90,4%), com a maioria na faixa etária entre 21 e 25 anos (76,9%). Quase a totalidade dos respondentes estava nas fases finais do curso, sendo 76,9% no 7º período e 23,1% no 8º, com uma distribuição majoritária no turno matutino (61,5%). Este panorama é típico de cursos presenciais, concentrando jovens do sexo masculino em fase de conclusão. A avaliação da autoeficácia demonstrou um cenário complexo: embora 55,8% dos estudantes se sintam preparados para os desafios acadêmicos "na maior parte do tempo", 25% sentem esse preparo apenas "às vezes", indicando insegurança para uma parcela significativa. Além disso, 48,1% já consideraram abandonar o curso devido a dificuldades.

Entre os que vivenciaram situações críticas de quase abandono, as dificuldades acadêmicas são o principal motivador, somando 30,2% das respostas e destacando problemas na assimilação de conteúdos, especialmente em cálculo e lógica de programação. O segundo fator mais recorrente é a necessidade de conciliar trabalho e estudo (13,9%), o que gera falta de tempo e dificuldades de organização. A didática docente (11,6%) e questões emocionais ou pessoais (9,3%) também são elementos relevantes. Os estudantes apontaram ainda a insatisfação com limitações estruturais do curso, como disciplinas consideradas "fora de contexto" e a falta de projetos alinhados com o mercado de trabalho.

Os estudantes consideram que os tipos de apoio institucional mais importantes para a permanência são os recursos didáticos (67,3%), como biblioteca e materiais online, seguidos pelos encontros com professores e coordenadores (53,8%). Tutoria/monitoria (34,6%) e suporte psicológico (21,2%) também foram citados, e 35,5% indicaram a utilização de múltiplos apoios. No entanto, a flexibilidade de horários e os laboratórios especializados foram pouco mencionados (1,9%), sugerindo áreas a serem desenvolvidas. A interação com os professores foi vista como boa por 55,8% e razoável por 28,8%, enquanto a coordenação do curso teve uma avaliação majoritariamente favorável, sendo classificada como boa por 48,1% e muito boa por 26,9%.

Em relação ao senso de pertencimento e coesão social, as relações de apoio entre colegas foram majoritariamente positivas ou muito positivas, somando 67,3% das avaliações, embora 32,7% as considerem apenas razoáveis. A interação entre alunos de diferentes períodos foi considerada boa (36,5%) e razoável (38,5%). A participação em atividades extracurriculares é baixa, com 46,2% participando apenas ocasionalmente e 34,6% não participando, mas demonstrando interesse. Quanto à relevância curricular, 59,6% consideraram o conteúdo satisfatório para a futura profissão, e as oportunidades de aprendizagem prática foram avaliadas de forma positiva por 19,2% que afirmam estarem sempre disponíveis, enquanto 40,4% relatam que ocorrem frequentemente.

Sendo assim, a partir dos dados apresentados, podemos apontar três aspectos fundamentais: primeiro, a satisfação geral dos estudantes com a aplicabilidade do currículo, evidenciada pela maioria que reconhece a relevância dos conteúdos para sua formação profissional; segundo, a existência de possíveis lacunas entre teoria e prática, sugerida pela parcela significativa de alunos que avalia as oportunidades de aprendizagem prática como apenas ocasionais ou que considera a relevância do currículo como apenas razoável; e terceiro, a influência positiva que a percepção de relevância curricular parece exercer na motivação para

permanência no curso, especialmente entre aqueles que identificam maior conexão entre os conteúdos acadêmicos e as exigências do mercado de trabalho.

A motivação dos estudantes é considerada um ponto central, sendo impulsionada pela percepção de relevância do currículo e pela vivência de práticas formativas concretas, conforme destaca Tinto (2017), ao correlacionar a persistência acadêmica com a utilidade percebida dos conteúdos e o vínculo com aspirações profissionais. Contudo, essa motivação não se sustenta sozinha, exigindo condições externas que viabilizem a continuidade dos estudos, especialmente em instituições privadas. O engajamento acadêmico está intrinsecamente ligado a fatores como a pressão financeira, a busca por estabilidade e a inserção precoce no mercado de trabalho (Silva, 2021; Espinoza et al., 2023). Portanto, para formular políticas eficazes, é essencial reconhecer a articulação dessas demandas externas com os projetos formativos, respondendo tanto aos desafios pedagógicos internos quanto aos obstáculos estruturais da vida cotidiana dos estudantes.

A decisão dos estudantes de permanecerem no curso é impulsionada, principalmente, por três fatores de longo prazo: interesse pessoal pela área (90,4%), oportunidades de carreira (76,9%), e a expectativa de estabilidade financeira (53,8%). A combinação desses elementos está presente em 79% das respostas, complementando as proposições de Tinto e evidenciando que a permanência é orientada pela busca simultânea de realização pessoal, ascensão profissional e segurança econômica. Em contraste com essas motivações, a permanência é constantemente tensionada por obstáculos imediatos que refletem a desigualdade do ensino superior, como a necessidade de conciliar trabalho e estudo, as dificuldades financeiras e as limitações na infraestrutura institucional.

Essas tensões cotidianas são importantes para entender a intenção de abandono, onde a falta de motivação surge como o principal fator de risco, atingindo 44,2% dos estudantes. Esse índice é significativo, especialmente em comparação com os 90,4% que demonstram interesse inicial pela área, sugerindo que a desmotivação se desenvolve ao longo da formação. A causa desse descompasso pode estar em problemas pedagógicos, metodologias pouco atrativas ou um desalinhamento entre as expectativas iniciais do estudante e a realidade acadêmica vivenciada.

Além disso, fatores como a convivência com colegas (23,1%) e a qualidade da infraestrutura (13,5%) também influenciam a permanência, embora de forma secundária. O percurso acadêmico é, portanto, fragilizado pela sobreposição de vulnerabilidades, que combinam expectativas profissionais, pressões econômicas e limitações institucionais. Para combater a evasão no ensino superior brasileiro, são indispensáveis políticas integradas que

abordem tanto os desafios estruturais quanto as experiências subjetivas e pedagógicas do cotidiano estudantil.

A análise dos fatores de intenção de abandono revela a interdependência de diversas vulnerabilidades. Além da desmotivação, os problemas pessoais e familiares configuram a segunda principal causa de abandono com 25% das respostas, seguidos pelas dificuldades financeiras (23,1%) e questões de adaptação ao ambiente acadêmico (21,2%). A inter-relação entre esses fatores é evidente, com estudantes frequentemente mencionando a sobreposição de problemas pessoais, falta de motivação e dificuldade de adaptação, ou a associação entre dificuldades financeiras e desmotivação. Esses fatores de risco podem ser organizados em três dimensões centrais: pessoais (62,79%), abrangendo motivação e dificuldades familiares; financeiros (23,26%), relacionados ao custeio e conciliação trabalho/estudo; e institucionais (29,07%), envolvendo infraestrutura e integração.

Um panorama de tensões significativas emerge ao se comparar os elementos que sustentam a permanência – como interesse profissional (88%), oportunidades de carreira (79%) e estabilidade financeira (63%) – com os fatores que impulsionam a evasão – desmotivação acadêmica (35%), problemas pessoais (28%) e pressão financeira (23%). Essa dualidade ressalta que a permanência é uma escolha diária, mediada por fatores objetivos e subjetivos que se entrelaçam continuamente. O compromisso com a formação superior depende da articulação consistente entre condições materiais, relações interpessoais, reconhecimento profissional futuro e o pertencimento ao espaço acadêmico.

Para garantir a permanência estudantil, são essenciais estratégias institucionais integradas que ofereçam apoio acadêmico, emocional e econômico contínuo, complementando o modelo de Tinto (2017) ao incorporar as especificidades do contexto brasileiro. As sugestões dos estudantes apontam três eixos prioritários de intervenção. O primeiro, e mais demandado (86,5%), é a necessidade de estágios e práticas profissionais. Essa alta expectativa evidencia a centralidade da articulação entre a formação acadêmica e o mundo do trabalho, alinhando-se ao pilar da relevância curricular de Tinto. Os estudantes solicitam parcerias com empresas, visitas técnicas e experiências em laboratórios, buscando a percepção clara da aplicabilidade dos saberes em sala de aula como estratégia de motivação e retenção.

O segundo eixo prioritário é a integração institucional, vista por 53,8% dos estudantes como decisiva. Eles demonstram a necessidade de uma comunicação mais efetiva e horizontalizada entre alunos de diferentes períodos, professores e coordenação, o que fortalece o

senso de pertencimento. Além disso, a infraestrutura emerge como um eixo central de preocupação (51,9%), com destaque para a precariedade de laboratórios, internet e equipamentos básicos, cujos déficits enfraquecem o desempenho e a confiança na instituição. Outros pontos que aparecem nos relatos são o suporte emocional, apontado como necessidade central por 34,6%, e o apoio financeiro, crítico para 28,8% dos estudantes, evidenciando que as dificuldades econômicas e o suporte psicopedagógico seguem sendo barreiras significativas à permanência

Nesse contexto, bolsas, auxílios e políticas de assistência são percebidos como mecanismos fundamentais para viabilizar a continuidade dos estudos. Ainda que em menor escala, surgem também sugestões de aprimoramento das metodologias de ensino (11,63%), com ênfase na necessidade de maior equilíbrio entre teoria e prática, sinalizando insatisfações com abordagens excessivamente conteudistas ou descontextualizadas em relação às demandas formativas e profissionais.

Assim, os dados mostram que as sugestões dos estudantes revelam uma visão integrada da permanência acadêmica: a combinação mais frequente, presente em 49% das respostas, articula estágios, integração institucional e atividades complementares, indicando a busca por uma formação alinhada à vivência universitária. O “pacote completo”, citado por 23%, reúne apoio emocional, financeiro, pedagógico e estrutural, evidenciando a demanda por políticas amplas e intersetoriais. Já o foco na empregabilidade, apontado por 19%, destaca a necessidade de conectar a formação ao mercado de trabalho, reafirmando que os estudantes desejam concluir a graduação com perspectivas concretas de inserção profissional.

Essa compreensão mais ampla sobre o que sustenta a permanência estudantil se aprofunda ainda mais quando observamos os relatos espontâneos deixados pelos respondentes ao final do questionário. Nesse espaço, eles foram convidados a comentar livremente sobre sua experiência no curso ou sobre os fatores que julgam determinantes para sua trajetória. As respostas revelam uma percepção multifacetada da vivência acadêmica, combinando sentimentos de satisfação com críticas significativas, o que permite identificar tanto os acertos institucionais quanto os pontos que ainda requerem atenção.

Desse modo, os relatos indicam que 41,86% dos estudantes destacam percepções positivas sobre a experiência acadêmica, ressaltando o crescimento profissional proporcionado pelo curso e a importância das relações interpessoais construídas ao longo da trajetória. Esses elementos reforçam que a permanência não depende apenas do desempenho individual, mas também do

sentimento de avanço formativo e das redes de apoio estabelecidas com colegas, que fortalecem o vínculo com a instituição.

Em contrapartida, 30,23% das falas evidenciam fragilidades que impactam a continuidade no curso, sobretudo a insatisfação com a empregabilidade, marcada pela percepção de poucas oportunidades e ausência de orientação profissional. As metodologias de ensino também são questionadas, especialmente pela distância entre teoria e prática e pelas dificuldades de adaptação ao ambiente universitário, agravadas pelo desnível de conhecimentos entre os alunos.

As motivações para permanecer no curso concentram-se na identificação com a área (34,88%) e nas expectativas de carreira (27,91%), enquanto fatores contextuais, como pressões familiares, aparecem em 9,30% das respostas, confirmando que a permanência resulta da combinação entre interesses pessoais, projetos profissionais e condicionantes externos.

Assim, a análise dos depoimentos aponta a necessidade de estratégias institucionais mais consistentes para fortalecer a permanência estudantil, especialmente por meio do aprimoramento da empregabilidade, com parcerias com o setor produtivo e ações estruturadas de orientação profissional que aproximem a formação das demandas do mercado. Também emerge como prioridade a revisão das metodologias de ensino, com maior equilíbrio entre teoria e prática e uma organização curricular capaz de promover progressão integrada dos conteúdos.

Paralelamente, é fundamental valorizar elementos já bem avaliados pelos estudantes, como redes de apoio e sentimento de pertencimento, além de investir em mecanismos de acompanhamento individualizado que acolham as especificidades do corpo discente, reduzam lacunas formativas e apoiem estudantes em processo de adaptação ao ambiente universitário.

CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo mostram que a permanência no curso de Sistemas de Informação depende de uma combinação complexa entre condições acadêmicas, institucionais e socioeconômicas. A trajetória dos estudantes revela que a decisão de continuar não pode ser explicada apenas por interesse pessoal ou desempenho, mas pela forma como expectativas profissionais, organização do curso e condições de vida se entrelaçam ao longo da formação.

Embora muitos estudantes valorizem a experiência acadêmica e reconheçam avanços na própria trajetória, parte expressiva relatou desafios que colocaram sua continuidade em risco. As dificuldades em disciplinas de alta complexidade técnica, a sobrecarga resultante da necessidade

de conciliar trabalho e estudo e as limitações das metodologias de ensino demonstram que a permanência exige apoio institucional consistente. Esses resultados reforçam que ambientes pedagógicos mais integrados, práticas docentes mais coerentes e ações de acompanhamento são fundamentais para reduzir tensões que afetam o engajamento.

A teoria de Tinto dialoga com vários achados desta investigação, especialmente no que se refere à autoeficácia, ao pertencimento e à relevância do currículo. Contudo, a realidade dos estudantes brasileiros amplia esse quadro, incorporando o peso das pressões econômicas e da ausência de políticas públicas robustas de permanência. Essa constatação evidencia que modelos teóricos tradicionais precisam ser lidos à luz de contextos em que o trabalho e a renda assumem protagonismo na vida universitária.

Também fica evidente que as fragilidades institucionais afetam diretamente a permanência. A distância entre teoria e prática, a limitada oferta de experiências profissionais e a carência de orientação para o mundo do trabalho geram insegurança quanto ao futuro. Por outro lado, os estudantes reconhecem o valor das relações interpessoais e das atividades extracurriculares como elementos que fortalecem o pertencimento e ampliam o sentido da formação.

Nesse cenário, torna-se essencial que as instituições adotem políticas de permanência que articulem apoio pedagógico, orientação profissional, acolhimento emocional e estratégias de integração curricular. Ações isoladas tendem a perder impacto diante da multiplicidade de desafios enfrentados pelos estudantes. Políticas contínuas, avaliadas periodicamente, fortalecem a construção de vínculos acadêmicos mais sólidos.

Portanto, os achados reafirmam que a permanência estudantil é uma responsabilidade institucional e social. Garantir condições para que os estudantes concluam sua formação não é apenas um indicador de desempenho acadêmico, mas um compromisso com justiça educacional e com a democratização das oportunidades na área tecnológica. Permanecer, nesse sentido, significa encontrar no ambiente universitário suporte, coerência e reconhecimento suficientes para sustentar um projeto de futuro.

REFERÊNCIAS

ABED. **Censo EaD: Relatório Brasileiro de Educação a Distância**. 2022.

ABMES. **Relatório de Evasão no Ensino Superior Privado Brasileiro**. Brasília, 2022.

ALVIM, Ícaro Vasconcelos; BITTENCOURT, Roberto A.; DURAN, Rodrigo S. Evasão nos Cursos de Graduação em Computação no Brasil. In: **Simpósio Brasileiro de Educação em Computação (EDUCOMP)**, 4., 2024, Evento Online. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2024. p. 1-11. DOI: <https://doi.org/10.5753/educomp.2024.237328>.

BANDURA, A. **Self-efficacy: The exercise of control**. New York: Freeman, 1997.

BARBOSA, A.; ABDALA, H.; GALLINDO, É.; BRAGA, R.; OLIVEIRA, C. **Uma análise comparativa dos perfis feminino e masculino nos cursos de Computação do Brasil**. 2017. Documento (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará).

BETTINGER, E. P.; BAKER, R. B. The effects of student coaching in college: An evaluation of a randomized experiment in student mentoring. **NBER Working Paper**, n. 16881, 2013. Disponível em: <https://www.nber.org/papers/w18392>

BRAXTON, J. M. et al. **Rethinking College Student Retention**. San Francisco: Jossey-Bass, 2014.

DURKHEIM, É. **O suicídio**: estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1897].

GENNEP, A. van. Os ritos de passagem. Petrópolis: **Vozes**, 2011 [1909].

INEP. **Sinopse Estatística da Educação Superior**. Brasília, 2023.

KEUP, J. R. The impact of first-year seminars on student outcomes. In: Upcraft, M. L. et al. (Eds.). **The first-year experience**: A review of research. San Francisco: Jossey-Bass, 2018.

LOBO, M. B. C. M. Panorama da evasão no ensino superior brasileiro: aspectos gerais das causas e soluções. **ABMES Cadernos**, Brasília, v. 37, p. 1-23, 2020.

MORAES, K. R. M. Uma investigação exploratória sobre as implicações das experiências de primeiro semestre de curso na decisão de evadir ou persistir dos estudantes de licenciatura em Física da UFRGS. 2020. **Dissertação** (Mestrado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

NOETZOLD, E.; PERTILE, S. de L. Análise e predição de evasão dos alunos de um curso de graduação em Sistemas de Informação por meio da mineração de dados educacionais. **RENOTE**, v. 19, n. 1, p. 351–360, 2021. <https://doi.org/10.22456/1679-1916.118525>

OLIVEIRA, W. P.; BITTENCOURT, W. J. M. A evasão na EaD: Uma análise sobre os dados e relatórios, no base 2017, apresentados pelo Inep, UAB e Abed. **Revista Educação Pública**, 2017.

ROBBINS, S. B. *et al.* Do psychosocial and study skill factors predict college outcomes? A meta-analysis. **Psychological Bulletin**, v. 130, n. 2, p. 261-288, 2004.

SARAIVA, J.; CAVALCANTE, A.; DANTAS, V. A evasão no curso de Sistemas de Informação sob uma perspectiva tridimensional de fatores. ISys - **Brazilian Journal of**

Information Systems, v. 13, n. 3, p. 05–24, 2020. Disponível em: <https://seer.unirio.br/isys/article/view/9519>

SEMESP. Mapa do Ensino Superior no Brasil. São Paulo, 2024.

SILVA, F. C. D. Variáveis para modelos preditivos à evasão na educação superior. 2021. **Tese** (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

SILVEIRA, Antonio Claudio Jorge da; TONINI, Adriana Maria. Evasão discente em cursos de engenharia de computação e o trabalho em TIC – tecnologia da informação e comunicação. **Contexto & Educação**, ano 38, n. 120, 2023. e10770. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21527/2179-1309.2023.120.10770>. Acesso em: 12 de abril.

SOARES, A. B. *et al.* Apoio psicológico e permanência no ensino superior. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 23, 2019. <https://doi.org/10.1590/2175-35392019016435>

SOUSA, A. M.; MACIEL, C. O. Evasão no ensino superior: uma análise dos cursos de TI. **Educação & Sociedade**, v. 37, n. 135, p. 453-470, 2016.

STRAYHORN, T. L. College students' sense of belonging. 2. ed. New York: **Routledge**, 2018.

TINTO, V. Dropout from higher education: A theoretical synthesis of recent research. **Review of Educational Research**, v. 45, n. 1, p. 89-125, 1975.

TINTO, V. **Leaving College: Rethinking the Causes and Cures of Student Attrition**. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

TINTO, V. Through the eyes of students. **Journal of College Student Retention: Research, Theory & Practice**, v. 19, n. 3, p. 254-269, 2017.

TINTO, V. Increasing Student Persistence: Wanting and Doing. In: HUIJSER, H. et al. (eds.). **Student Support Services**. Singapore: Springer, 2022. https://doi.org/10.1007/978-981-16-5852-5_33

TINTO, V. Reflections on Student Persistence. **Student Success**, v. 8, n. 2, p. 1-8, 2017. <https://doi.org/10.5204/ssj.v8i2.405>

WALTON, G. M.; COHEN, G. L. A brief social-belonging intervention improves academic outcomes. **Science**, v. 331, p. 1447-1451, 2011.